

Um confronto a ser evitado *Sarney*

O presidente José Sarney está pessoalmente convencido de que chegando a um entendimento com o FMI e os banqueiros internacionais fica mais fácil resolver, numa segunda etapa, a complexa e delicada situação econômica interna em que se encontra o País. Disso duvida uma alta personalidade de formação conservadora da Aliança Democrática que nos transmite esta informação. Na sua opinião, as questões econômicas internas são muito mais difíceis de serem equacionadas que as de caráter externo, relacionadas com a renegociação da dívida brasileira.

A opinião do presidente José Sarney, dando prioridade ao tratamento da dívida externa, coincide, em termos gerais, com a posição das esquerdas do PMDB, especialmente do grupo que com ele almoçou na sexta-feira passada, no Palácio Jaburu. Um dos ministros do atual governo ligado ao PMDB achou positivo o encontro dos deputados das esquerdas independentes com o presidente Sarney, inclusive quando pedem no documento por eles divulgado uma moratória no pagamento da nossa dívida externa. No seu entender, atitudes como as que foram assumidas pelas esquerdas do PMDB dão poder de barganha ao presidente José Sarney, nas negociações brasileiras com os credores do nosso País.

O mesmo ministro recorda que no recente encontro da semana passada que o presidente Sarney teve com um grupo de empresários, o sr. Abílio Diniz, do grupo Pão de Açúcar, foi dos mais enfáticos ao pedir um endurecimento das posições do Brasil nas nego-

ciações com os banqueiros internacionais e com o FMI. A grande controvérsia suscitada é saber se o Brasil tem condições, realmente, de endurecer o seu jogo com o FMI e os banqueiros. Um ministro de Estado faz a constatação de que a Argentina se transformou, para o Brasil, no grande laboratório de experiências a esse respeito. Mas há o reconhecimento de que a mais recente série de medidas tomadas recentemente pela Argentina, entre as quais se incluem congelamentos de preços e salários, é no fundo recessiva. O que se pergunta seguidamente, sem encontrar resposta, é se a Argentina, com um governo legitimamente eleito pelo povo, não teve condições de resistir às pressões internacionais, quais seriam os mecanismos que o nosso País poderia se valer para endurecer o seu jogo com os banqueiros?

O senador paulista Fernando Henrique Cardoso, líder do governo no Congresso, acha que o importante em todas as questões polêmicas suscitadas até aqui é evitar o confronto entre esquerda e direita. Lembra, a propósito, que na história brasileira sempre que houve o confronto direto entre esquerda e direita, quem acabou sofrendo as consequências negativas desse conflito foram as instituições democráticas, com o seu completo desmantelamento. Exemplo mais expressivo a esse respeito é o de 64. De acordo com a sua opinião, tanto no caso da reforma agrária como no da mudança do modelo econômico, pregado pelas esquerdas, o essencial é impedir esse confronto entre esquerda e direita.

Com propriedade, propõe o

senador Fernando Henrique Cardoso, que as esquerdas brasileiras se contentem, como as demais forças políticas, numa primeira etapa, que termina com a Constituinte, com o restabelecimento da vida institucional brasileira. Dotado o País de nova Constituição, fruto das esperanças e aspirações nacionais, todos os grupos políticos, entre os quais se incluem as esquerdas, deviam se mobilizar para fazer triunfar nas urnas governos comprometidos com as suas idéias e os seus princípios. No momento presente, para Fernando Henrique, o fundamental a perseguir é o total restabelecimento da democracia no País.

Já os grupos políticos mais conservadores manifestam o ponto de vista de que a posição de equilíbrio do presidente Sarney deve ser no sentido de obter uma negociação positiva com o FMI e com os banqueiros, mas jamais sem quebrar os nossos vínculos com as instituições financeiras internacionais, pois do que o Brasil necessita com urgência é de capitais estrangeiros de risco, os quais estão deixando de entrar em nossas fronteiras.

Segundo outros analistas de centro, na reunião da última quinta-feira, no Palácio Jaburu, com as esquerdas independentes do PMDB, o presidente Sarney procurou manter um clima de boa convivência com todos os grupos políticos, das mais variadas tendências. Isso seria essencial para a estabilidade do seu próprio governo, numa fase delicada, como a que nos encontramos, de transição de um regime militar para um governo civil. (H.H)